



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ANA LÚCIA DIAS CÂMARA DE AZEVEDO

ESTILIZANDO O MA(TU)TO:
A CULTURA JUNINA VISTA A PARTIR
DAS QUADRILHAS ESTILIZADAS

Campina Grande - PB
2007

ANA LÚCIA DIAS CÂMARA DE AZEVEDO

ESTILIZANDO O MA(TU)TO:
A CULTURA JUNINA VISTA A PARTIR
DAS QUADRILHAS ESTILIZADAS

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica
de História e Geografia da Universidade
Federal de Campina Grande para obtenção do
título de Licenciatura em História, concluinte
do período 2006.2.

Orientador: Prof. Dr. Iranilson Buriti

Campina Grande - PB
2007

ANA LÚCIA DIAS CÂMARA DE AZEVEDO

ESTILIZANDO O MA(TU)TO:
A CULTURA JUNINA VISTA A PARTIR
DAS QUADRILHAS ESTILIZADAS

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica
de História e Geografia da Universidade
Federal de Campina Grande para obtenção do
título de Licenciatura em História, concluído
do período.

Monografia apresentada em _____

Examinadores:

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Orientador

Prof. Benjamim Montenegro
Examinador

Elisabeth Christina de Andrade Lima
Examinadora

Campina Grande - PB
2007



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

Decido este trabalho a um grande presente que Deus me deu, que há tantos e tantos anos venho sonhando com esta maravilhosa dádiva, que será o meu filho(a), que vem surgindo. E também ao meu esposo, pelo estímulo e incentivo a minha formação superior.

AGRADECIMENTOS

A Deus

A ti, Senhor, que estiveste em todos os momentos desta caminhada com teu amor, perdoando nossos erros, fazendo-se presente nos acontecimentos, realizando os nossos sonhos, transformando saudades e medos em amizades. Em ti confio plenamente e a todo momento rendo graças pelas bênçãos e maravilhas que realizas a cada novo dia. A ti, toda a minha gratidão.

Aos meus familiares pelo apoio incondicional dado a minha formação acadêmica, a vocês, meus sinceros agradecimentos.

Não poderia esquecer minhas amigas pelo apoio e companheirismo ao longo da jornada: Arizoneide Gomes, Geovânia, Juliana, Mariele, Beta e Janieiry, pessoas pela qual possuo grande carinho.

Aos meus professores da Unidade Acadêmica de História, em especial ao meu orientador Iranilson Buriti, pela força e incentivo ao longo deste trabalho e ainda não deixando de lembrar à minha querida Liêge de Freitas, professora desta Unidade Acadêmica, a qual comecei a pesquisa através do seu apoio, compreensão e incentivo. Obrigada pela forma gentil a qual fui tratada e pela não desistência de seus planos.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Obrigado, meu Deus, por tudo isto e abençoei a todos.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre os festejos Juninos. O principal objetivo é mostrar as transformações que vêm ocorrendo nos mesmos, especificamente nas quadrilhas “matuta” e “estilizada”.

A análise mostra que os Festejos Juninos deixaram de ser comemorados no meio rural e hoje configuram-se como festa urbana, onde a figura do caipira aparece de forma descaracterizada tornando-se objeto de riso e divertimento. Outro ponto importante desta pesquisa é a historicização das festas e quadrilhas juninas, pois se escrevemos sobre quadrilhas estilizadas, temos que antes mostrar suas raízes: as quadrilhas juninas matutas. E, para isso nos será necessário descrever como as festas juninas chegaram ao Brasil. Esta é uma das principais constatações deste trabalho.

Palavra chave: Cultura; quadrilha; festa.

“A festa é uma espécie de parada na vida cotidiana, como um momento contemplativo no meio da ação diária. É símbolo da alegria e de amor que não conseguimos, por nossas próprias forças, tornar definitivo. Ninguém faria festa todo dia. A festa é o que interrompe o usual. Quanto mais mística e contemplativa uma comunidade, mais aberta à dimensão da festa”.

Marcelo Barros

“Onde há vida popular razoavelmente e estável, há sempre uma cultura tradicional, tanto material, quanto simbólica, com um mínimo de espontaneidade, coerência e sentimento, se não consciência, de sua identidade”.

(Bosi)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	11
1.0 - O Nascimento da Cultura	11
1.1 - Conceito de Cultura: Representação e Apropriação Cultural	12
1.2 - Unidade e diversidade na Cultura Popular	15
1.3 - Variedades da Cultura popular: o campo	16
1.4 - Cultura e Educação	17
CAPÍTULO II	20
2.0 - Festa: Seus Sentidos e Significados	20
2.1 - A infância e a leitura de mundo a partir das festas - A Pedagogia da festa	23
2.2 - A emergência das festas juninas	25
CAPÍTULO III	31
3.0 - “Rapa Pé Nesse Salão”: As festas Juninas e Suas Raízes Profanas	31
3.1 - As Quadrilhas Tradição e/ou Modernidade?	33
3.2 - Da Roupas Remendada à Roupas Estilizada	34
CAPÍTULO IV	38
4.0 - A falta de visibilidade das quadrilhas juninas do Município de Areia - PB	38
4.1 - Uma manifestação Cultural silenciada em plena “Terra da Cultura”	38
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “Estilizando o ma(tu)to: A cultura Junina vista a partir das quadrilhas estilizada”, tem por objetivo analisar as transformações ocorridas nos festejos juninos principalmente no que diz respeito às quadrilhas matutas e estilizadas no Município de Areia. Fazendo um breve passeio pela emergência desses festejos no Brasil - Colônia e enfatizando a estilização nos dias atuais. Partindo desse princípio, construímos este trabalho de pesquisa para abordar também a falta de visibilidade das quadrilhas juninas do município de Areia-PB, sendo assim, uma manifestação cultural silenciada em plena “Terra da Cultura”.

No entanto, fez-se necessário fazer um estudo sobre o nascimento da cultura e alguns de seus conceitos. Dessa forma foi importante a percepção de LARAIA, onde o mesmo diz, simplificadamente, que o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo de desenvolvimento dos primatas, foi capaz de assim proceder. Além disso, Laraia Roque de Barros fez nos perceber que a Cultura é tudo aquilo que inclui conhecimentos, crenças, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Um outro autor, o historiador Petter Gay define o conceito de cultura como toda realização humana que de alguma maneira contribua para a experiência dos povos, não diferenciando tanto de Guattari, quando o mesmo considera cultura como tudo aquilo que o homem produz. E não podemos deixar de lado o pensamento de Roger Chartier, quando ele diz que cultura é uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso que vive de acordo com o padrão estético cultural ao qual pertence.

Outro referencial que nos norteou e ao mesmo tempo enriqueceu esse estudo foi a obra de Rita Amaral, “Festa a brasileira: Sentido do festejar no país que não é sério”, no qual a autora enfatiza os espaços das festas na cultura brasileira. Encontra-se num espaço privilegiado as festas juninas, geradoras das quadrilhas abordadas, desde sua emergência no meio cultural, como também sua proliferação pelo norte/nordeste do país.

Ainda sobre as Festas Juninas tivemos como referências os trabalhos de SOUZA (2001), em que a mesma descreve a história dos festejos juninos no Nordeste e especificamente em Acari - RN., como também tivemos acesso ao trabalho monográfico de Lelles e Ferreira (2003), onde ambas conceituam as quadrilhas juninas como prática cultural e específica à História das quadrilhas estilizadas de Cruzetas - RN. Uma outra fonte

enriquecedora foi a tese de Elizabeth Christina (2002), intitulada de A Fábrica dos Sonhos, no qual a autora apresenta um bom referencial teórico sobre as festas juninas, especificamente em Campina Grande, sendo vista pela mesma como estratégia e investimento econômico.

Nesse sentido, fizemos a opção de expor a manifestação cultural “estilizando o ma(tu)to: A Cultura Junina vista a partir das quadrilhas estilizadas”, apresentando um trabalho em três partes que condensam conceitos de origem, valores, tradições, costumes e arraiais.

No primeiro capítulo, abordamos o Nascimento da Cultura, como ela surgiu, seu desenvolvimento, suas variedades popular até seu envolvimento com a educação.

No segundo capítulo, buscaremos apresentar as Festas: seus sentidos e significados, fazendo assim um breve relato de seus sentidos e o que as mesmas significam de modo geral e especificado o sentido das Festas Juninas, ou seja, a emergência das mesmas.

No terceiro e último capítulo, analisaremos as festas juninas e suas raízes profanas, enfocando as quadrilhas juninas, mostrando as transformações que vêm ocorrendo ao longo do tempo, da quadrilha “matuta” a “estilizada”, ainda vem mostrando a falta de historicidade das quadrilhas do município de Areia.

Estes são os três pilares que sustentam o corpo deste trabalho, onde percebemos que o povo atua como produto e produtor da cultura, ocasionando ao longo do tempo, mudanças de comportamento sócio-cultural, introduzindo novas maneiras de viver, novas práticas e valores culturais tornando possível a sociedade atuar como atores históricos, no cenário cultural brasileiro.

O trabalho busca também um convite ao leitor na certeza de que este trará novas inquietações, dúvidas, mas na confiança de que é preciso mergulhar no enfrentamento dos problemas, mesmo sem medirmos a profundidade deste.

CAPITULO I

1 - O Nascimento da Cultura

Uma das primeiras preocupações dos estudiosos com relação à cultura refere-se a sua emergência. Em outras palavras, como o homem adquiriu este processo extra-somático que o diferenciou de todos os animais e lhe deu um lugar privilegiado na vida terrestre?

Uma resposta simplificada da questão seria a de que o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo de desenvolvimento dos primatas, foi capaz de assim proceder. Não resta dúvida de que se trata de uma resposta insatisfatória, com um odor tautológico¹, e que não deixa de nos conduzir a uma pergunta: mas como e por que se modificou o cérebro do primata, a ponto de atingir a dimensão e a complexidade que permitiram o aparecimento do homem? (LARAIA, 2005. p.53).

Kenneth P. Dakley destaca a importância da habilidade manual, possibilitada pela posição erecta ao proporcionar maiores estímulos ao cérebro, com o conseqüente desenvolvimento da inteligência humana. A cultura seria, então, o resultado de um cérebro mais volumoso e complexo.

Deixando de lado as explicações de paleontologia humana, é oportuno tomar conhecimento do pensamento de dois importantes antropólogos sociais contemporâneos a respeito do momento em que o primata se transforma em homem.

Claude Lévi-Strauss considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para ele, esta seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Todas elas proíbem a relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres (entre nós, a mãe, a filha e a irmã).

Leslie White considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos.

1 TAUTOLÓGICO - SF. Vício de linguagem que consiste em dizer, por formas diversas, sempre a mesma coisa. 2. Repetição de um mesmo conceito. BUARQUE, Aurélio Holanda Ferreira de. O minidicionário da língua portuguesa. Editora Nova Fronteira, 2002, p.663.

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides e homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda cultura de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação e sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano... O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero homo torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo.

Com efeito, temos de concordar que é impossível para um animal compreender os significados que os objetos recebem de cada cultura. Como por exemplo, a cor preta significa luto entre nós e entre os chineses é o branco que exprime esse sentimento. Pois, para saber o significado de um símbolo, é necessário conhecer a cultura que o criou.

Vimos então, algumas explicações sobre o aparecimento da cultura. Explicações da natureza física e social. Algumas delas tendem implícita e explicitamente a admitir que a cultura apareceu de repente, num dado momento. Um verdadeiro salto da natureza para a humanidade.

1.1 - Conceito de Cultura: Representação e Apropriação Cultural

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomando em seu amplo sentido etnográfico, é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Com esta definição, Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia da aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos” (LARAIA, 2005, p.25).

Ainda, de acordo com Laraia, o conceito de cultura foi definido pela primeira vez por Tylor. Mas o que ele fez foi formalizar uma idéia que vinha crescendo no meio intelectual. A

idéia da cultura, com efeito, estava ganhando consistência talvez mesmo antes de John Locke (1632 - 1704) que, em 1690, ao escrever “Ensaio acerca do entendimento humano”, procurou demonstrar que a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, através de um processo que hoje chamamos de indoculturação.

A primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico, com vimos, pertence a Edward Tylor, onde o mesmo procurou, além disto, demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata de um “fenômeno natural” que possui “causas e regularidades”, permitindo um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução.

Fugindo da abordagem naturalista de Tylor, o historiador Peter Gay (1988, p.13) define o conceito de cultura como toda realização humana que de alguma maneira contribua para a experiência dos povos, tais como “as instituições sociais, o desenvolvimento econômico, a vida em família, as doutrinas religiosas e morais, os receios dos médicos, as mudanças de gosto, a estrutura das emoções, até mesmo a política”.

De acordo com o pensamento de Guattari, podemos perceber que o mesmo considera cultura como tudo aquilo que o homem produz. Além disso, nos faz perceber que não são separadas em esferas distintas as práticas culturais, e sim, estas são consideradas um valor e sua prática gera lucro. Portanto, percebemos o tempo todo a presença do termo capitalístico quando Guattari conceitua a cultura como reacionária. Para Guattari mostraremos ainda noções de apropriação e representação de símbolos culturais que serão valorizados a partir de uma função de valores visando à elaboração de “(...) uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1995, p. 26). Dessa forma, as práticas culturais não dependem, para sua existência, da raça ou classe social que exerça.

De acordo com Santos (1984:12):

(...) Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. Assim, falar, por exemplo, nas etapas humanas de selvageria, barbárie e civilização pode ajudar a entender o aparecimento da sociedade burguesa na Europa, mas não é suficiente para dar conta de culturas que por longo tempo se desenvolvem fora do âmbito dessa civilização.

Cultura é uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso que vive de acordo com o padrão estético cultural ao qual pertence. Cultura é uma elaboração cultural, portanto, cada povo com sua cultura expressa as suas maneiras de sentir, de pensar, de agir, de ver a realidade, enfim, de ver o local, o regional, o nacional. Faz parte desse Universo Cultural uma obra literária, uma festa, uma música, uma pintura, uma escultura, uma festa de quadrilha, uma novela de televisão e muitas outras produções que expressam a vida do homem e a sua marca na sociedade. A cultura é uma expressão que varia de acordo com quem a produz e com quem tem acesso a ela, isto é, de acordo com o seu produtor e o seu consumidor, a seu destinatário a saber, aquele para o qual foi produzida. Conforme argumenta BOSI (1998, p.324), “Uma única teoria da cultura brasileira, se um dia existir, terá como matéria-prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil”.

Podemos ver e sentir que a cultura surge das relações do homem em sociedade, no meio em que ele vive lutando pela própria (sobre)vivência. Não existe ser humano sem cultura, portanto, o homem é produto e produtor cultural. Ele cria, inventa, constrói. Seu espaço de organização e de criação são seus emblemas culturais. Dessa forma, sendo um produto de criação humana, a cultura é um conceito não homogêneo, não Universal. Para Gay (1998, p.14):

(...) Não obstante cada cultura apresenta notáveis traços dominantes e certo grau de coerência entre eles, suas amplas subdivisões evoluem com alguma independência, às vezes até isoladamente uma das outras (...) cultura é algo mais complexo, mais descontínuo [portanto, não linear e não unitário] e mais surpreendente que julgam os estudiosos da moderna civilização ocidental.

Enquanto na Europa estava pensando isso no Nordeste a cultura popular² se manifesta no Nordeste de maneira espetacular, levando o povo a dignificar as festas populares, a exaltá-las e propagá-las. Estando inseridos no processo cultural, o povo participa ativamente das tradições, dos usos, dos costumes, crenças, lendas³, mitos, folclore, das festas nordestinas, exaltando a cultura popular e não permitindo que as tradições percam a sua importância sócio-histórica e cultural.

2 Antônio Augusto Arantes analisa a cultura popular na sua obra *O Que é Cultura Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

3 Segundo Câmara Cascudo, podemos entender por Lenda qualquer episódio heróico ou sentimental em que estejam presentes elementos “maravilhosos” e/ou “sobre-humanos” transmitidos e conservados na tradição oral. Confira CASCUDO, C. *dicionário do Folclore brasileiro*, 1979.

1.2 - Unidade e Diversidade na Cultura Popular

De acordo com Peter Burke, se todas as pessoas numa determinada sociedade partilhassem da mesma cultura, não haveria a mínima necessidade de usar a expressão “cultura popular”. Esse é, ou foi, a situação em muitas sociedades tribais, tais como foram descritas pelos antropólogos sociais. Essas descrições podem ser simplificadamente resumidas da seguinte maneira: uma sociedade tribal é pequena, isolada e auto-suficiente. Entalhadores, cantores, contadores de histórias e o seu público formam um grupo que está face a face, partilhando de valores básicos e dos mitos e símbolos que expressam esses valores. O artífice ou o cantor caça, pesca ou cultiva o solo como outros membros da comunidade, e estes entalham ou cantam como ele, ainda que não o façam tão bem nem com a mesma frequência. A apresentação das demais pessoas na apresentação artística é importante. Elas respondem as charadas e cantam em coros.

Essa descrição simplificada ou “modelo” tem sua importância para a Europa no início dos tempos modernos, pelo menos nas regiões mais populares e distantes, onde eram raros os nobres e clérigos.

No entanto, é evidente que esse modelo não se aplica à maior parte da Europa do nosso período. Na maioria dos lugares, existia uma estratificação cultural e social. Havia uma minoria que sabia ler e escrever, e uma maioria analfabeta, e parte dessa minoria letrada sabia latim, a língua dos cultos. Essa estratificação cultural faz com que seja mais adequado um modelo mais complexo, que foi apresentado nos anos 1930 pelo antropólogo social Robert Redfield. Em certas sociedades, sugeriu ele, existiam duas tradições culturais “da minoria culta e a pequena tradição” dos demais. Para Burke (1989, p. 51)

A grande tradição é cultivada em escolas ou templos; a pequena tradição opera sozinha e se mantém nas vidas dos iletrados, em suas comunidades aldeãs... As duas tradições são interdependentes. A grande tradição e a pequena tradição há muito tempo se afastado reciprocamente e continuam a fazê-lo... Os grandes épicos surgiram de elementos de contos tradicionais narrados por muita gente, e os épicos voltaram novamente ao campesinato para modificação e incorporação nas culturas locais.

Ao aplicar esse modelo aos inícios da Europa moderna, Burke diz que podemos identificar com bastante facilidade a grande tradição. Ela inclui a tradição clássica, tal como era transmitida nas escolas e Universidades; a tradição da filosofia escolástica e teologia

medievais, de forma alguma extintas nos séculos XVI e XVII; e alguns movimentos intelectuais que provavelmente só afetaram a minoria culta: a Renascença, a Revolução Científica do século XVII, o Iluminismo.

Subtraia-se tudo isso da cultura dos inícios da Europa moderna e o que restará? As canções e contos populares, imagens devotas e arcaas de enxoval decoradas, farsas e peças de mistérios, folhetos e livros de baladas, e principalmente festividades, como as festas de santos e as grandes festas sazonais, o Natal, Ano Novo, Carnaval, Primeiro de Maio e Solstício de Verão.

1.3 - Variedades na Cultura Popular: O campo

A definição de pequena tradição, de Redfield, pode ser considerada estreita demais por excluir aquelas pessoas para quem a cultura popular constituía uma segunda cultura. Ela também pode ser considerada ampla demais; ao falar da “pequena tradição” no singular, sugere-se que ela era relativamente homogênea, o que está longe de ser verdade nos inícios da Europa moderna. Como Antônio Gramsci disse uma vez “o povo” não é uma unidade culturalmente homogênea, mas está culturalmente estratificado de maneira complexa.

Para os “descobridores” da cultura popular, o “povo” era os camponeses. Eles compunham de 80% a 90% da população da Europa. Foram as suas canções que Herdes e amigos chamaram “canções populares”, às suas danças de “danças populares”, às suas histórias de “contos populares”. Essa cultura era uniforme? Olhando os camponeses húngaros, conforme conheceu por volta de 1900, Zoltan Rodály tinha certeza que não: Não se deve pensar na tradição folclórica como um único conjunto uniforme e homogêneo. Ela varia fundamentalmente segundo a idade, as condições sociais e materiais, a religião, a educação, o local e o sexo.

Se a cultura surge de um modo de vida, é de se esperar que a cultura camponesa varia segundo diferenças ecológicas, além das sociais; diferenças no ambiente físico implicam diferenças na cultura material e estimulam também diferentes atitudes. A ilustração mais óbvia desse aspecto é, certamente, o contraste entre a cultura das montanhas e a cultura das planícies.

A cultura popular rural, portanto, estava longe de ser monolítica. Apesar disso, ela pode ser contrastada com a cultura popular das cidades. Nas cidades, as festas ocorriam em escala muito maior, e o que é mais importante, todo dia era uma festa no sentido de que havia permanentemente à disposição diversões, oferecidas por profissionais. Pelo menos nas grandes cidades, os cantores de baladas e palhaços apresentavam-se o tempo inteiro, ao passo que os aldeãos só os viam de vez em quando.

As cidades abrigavam minorias étnicas, as quais muitas vezes viviam juntas e partilhavam de uma cultura que excluía os de fora.

1.4 - Cultura e Educação

Quantas vezes já ouvimos na rua, em casa ou mesmo na escola a expressão: “Aquele indivíduo não tem cultura”. A frase pode revelar um engano muito grande, já que todas as pessoas têm cultura. O que normalmente se quer dizer com esse tipo de frase é que tal indivíduo não tem instrução escolar ou não tem um conhecimento mais profundo de determinado assunto. Infelizmente, essa confusão é muito comum. Antes de tudo, é importante esclarecer que todos os povos, grupos e pessoas têm e geram uma cultura, que envolve sua produção material e espiritual, localizada no tempo e no espaço. Mas ainda, todos os indivíduos possuem uma forma de agir, sentir e pensar, que se origina de uma prática coletiva. (TOMAZI, 1997, p. 139).

Dessa forma, podemos observar que todos os povos e grupos sociais produzem cultura e, conseqüentemente, todos os indivíduos que os interagem possuem cultura. E como em geral os indivíduos interagem com diversos e distintos grupos sociais, carregam elementos de todos eles, num processo que contribui para tornar cada indivíduo um indivíduo. Portanto, entre cultura e educação há uma relação muito íntima. Afinal, transmitimos conhecimentos, crenças, hábitos, valores, enfim, modos de vida. É um patrimônio intelectual e espiritual, uma herança coletiva, fruto da ação coletiva que se preservou de alguma forma. O que é isso senão cultura?

A palavra cultura pode ser empregada nos mais variados sentidos, e ela é objeto de estudo de diversas ciências. Félix Guatarri, pensador francês (1930-1992), interessado nesse tema, reuniu os significados do conceito de “Cultura” em três grupos.

O primeiro deles é cultura-valor, o mais antigo e que aparece claramente na idéia da “cultivar o espírito”. É o que permite estabelecer a diferença entre quem tem cultura e quem não tem, ou estabelecer se o individuo pertence a um meio culto ou inculto, conforme o sentido que vimos acima, definindo um julgamento de valor sobre essa situação. Aqui se identificam aqueles, por exemplo, que tem ou não uma cultura artística, uma cultura clássica ou, ainda, uma cultura científica.

O segundo sentido é o que ele designa da cultura-alma coletiva, que é sinônimo de “civilização”. Aqui se tem a idéia de que todas as pessoas, grupos e povos têm cultura e uma identidade cultural. Pode-se então falar de uma cultura negra, de uma cultura chinesa, de uma cultura marginal, etc. Enfim, é uma espécie de “alma” que vaga por cima das pessoas reais e pode servir para os usos mais diversos de todos aqueles que querem dar um sentido para a ação dos grupos aos quais pertencem, com a intenção de caracterizá-los ou identificá-los.

O terceiro sentido é o de cultura-mercadoria, que corresponde a “cultura de massa”. Diferentemente das anteriores, aqui não há julgamento de valor. Como no primeiro, nem delimitação de um território específico, como no segundo. Nessa concepção, cultura são todos os bens ou equipamentos (casas de cultura, cinemas, bibliotecas, etc), todas as pessoas que trabalham nesses lugares, todas as posições teóricas e ideológicas presentes, todos os filmes, discos, livros, etc, que estão à disposição de quem quer e pode comprá-los, ou seja, que estão disponível no mercado.

Como podemos observar, esses três sentidos do termo cultura estão presentes no nosso dia-a-dia. Ouvimos em todos os lugares essas três concepções. Mas sempre há uma diferenciação bastante clara entre aqueles que tem e aqueles que não tem cultura, seja no sentido mais elitista (cultura clássica, por exemplo). Seja no sentido de pertencer a algum grupo específico, seja ainda no de consumir bens culturais. Todas essas concepções podem assumir um sentido maniqueísta de cultura. Dividida entre aqueles que tem e os que não tem cultura, ou mesmo entre os que têm uma boa cultura e os que têm uma má cultura.

Diante disso, acreditamos que podemos entender a cultura como o “modo de pensar, sentir e agir” das pessoas, dos grupos e dos povos, em uma época e em algum lugar, constituído historicamente, que faz com que se identifiquem e se diferenciem no seu modo de viver. Esse modo de pensar, sentir e agir expressa-se na produção de bens materiais, de idéias, valores, costumes, hábitos, etc.

Já para Brandão “a palavra cultura deve ser entendida como compreendendo tudo o que existe transformado na natureza pelo trabalho do homem e que, através de sua consciência, ganha significado” (1981, p.25).

De acordo com o historiador Peter Gay (1988, p.13), podemos entender o conceito de cultura como toda realização humana que de alguma maneira contribua para a experiência dos povos, tais como “as instituições sociais, o desenvolvimento econômico, a vida em família, as doutrinas religiosas e morais, os receios dos médicos, as mudanças de gosto, a estrutura das emoções, até mesmo a política”.

Ainda de acordo com Gay a cultura popular vem se manifestando, principalmente no Nordeste de maneira espetacular, levando o povo a dignificar as festas populares, a exaltá-las e a propagá-las. Estando inserido no processo cultural, o povo participa ativamente das tradições, dos usos, dos costumes, crenças, lendas, mitos, folclore, das festas nordestinas, exaltando a cultura popular e não permitindo que as tradições percam a sua importância sócio-histórica e cultural. É o que analisaremos no capítulo seguinte, onde apresentaremos as festas: seus sentidos e significados, mostrando dessa forma, as principais manifestações que ocorrem no interior das mesmas.

CAPITULO II

2.0 - Festa: Seus Sentidos e Significados

A festa é uma espécie de parada na vida cotidiana, como um momento contemplativo no meio da ação diária. É o símbolo da alegria e do amor que não conseguimos, por nossas próprias forças, tornar definitivo. Ninguém faria festa todo dia. A festa é o que interrompe o usual. Quanto mais mística e contemplativa uma comunidade, mais aberta à dimensão da festa. (Marcelo Barros)

Sabendo que a festa é uma prática social, que acontece desde os tempos do Brasil - Colônia e que, ainda hoje, ameniza as agruras do cotidiano e a labuta diária sendo revigoradas por meio dessas comemorações, já que parecem aproximar, integrar e expressar tudo aquilo que no dia-a-dia não se consegue sentir, a história cultural assume a festa como objeto de estudo inserida no contexto da cultura popular, numa dinamicidade de ações, interações, sociabilidades e construção de identidade dos diferentes grupos sociais. (KATRIB, Cairo Mohamad, 2004).

Vida, festa e fé fazem parte da vida dos brasileiros, de sua cultura, seja ela singular ou plural, alimentando sonhos, vontades, desejos, elementos estes alicerçados na oralidade entre gerações, proporcionando uma multiplicidade de práticas sociais e culturais, que persistem e resistem ao tempo ou mesmo se transformam e se consolidam como parte da vida dos sujeitos sociais. Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura popular tem a comunicação entre gerações e na oralidade dois aspectos, entre outros possíveis, para a transmissão de sua lógica de pensamento e de suas práticas sociais. (PEREIRA E. Gomes, 2002, p. 46).

De acordo com Amaral (2000, p. 23), festas são todas as manifestações culturais que envolvem as esferas da sociedade, sendo difundida por seus organizadores⁴ e apreciadores⁵ independentemente de como elas são representadas e comemoradas. Na cultura brasileira, a festa tem grande significado, por serem responsáveis pela maioria das práticas culturais desse país.

4 Organizadores - aqueles que se responsabilizam pela formação e administração de eventos.

5 apreciadores - aqueles que prezam, estima, mas também julgam e avaliam o valor cultural das manifestações culturais

Dessa forma, desde a colonização brasileira “as festas serviam como modo de ação”, ou seja, uma forma de relacionar portugueses e índios fazendo com que ambos suportem suas novas condições.

Outro fator de relevância sobre as festas é que, embora a maioria delas seja de origem pagã, com o passar do tempo e com o aumento do domínio católico, essas festas adquirem caráter religioso. Diante disso, podemos perceber que as festas juninas como “(...) outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo (...) (AMARAL, 2001, p. 62).

Para Burke (1982), toda festividade é um acontecimento cultural que carrega consigo elementos particulares, que dão sentidos a uma cultura própria daqueles sujeitos que vivenciam essas práticas, entendidas por ele como um sistema de significados, atitudes e valores partilhados de formas simbólicas.

Assim, o tempo da festa também pode ser apontado como um princípio classificatório, uma vez que, no limite, tudo é festa durante o tempo de festa, o que faz dela um fato social total. É uma multiplicidade de relações de diversas naturezas (religiosas, econômicas, artísticas, lúdicas, etc.) (AMARRAL, 1998, p.11).

A dinâmica da festa pode ser considerada uma prática social bastante antiga, ora obedecendo a um sentido específico, como da comemoração, ora como adoração, registrando as marcas de um tempo e da História de um lugar ou de um grupo social.

O sentido da Festa resvala para além da representação religiosa, aproximando os sujeitos, tornando-os cúmplices por meio de rituais que mantêm (re) atualizadas as práticas de seus antepassados. A festa representa, então, nas diferentes culturas, conforme destaca FRANZWEBER (2002), a manifestação de uma vida diferente, de uma vida presenteada, que o ser humano não pode dar a si mesmo. Isso faz com que os sujeitos celebrem a vida por meio da festa, porque esta possibilita, enquanto prática cultural, o encontro do indivíduo fragmentado com suas raízes, com sua história, sendo sujeito histórico de seu tempo.

Nesse sentido, a festa, como comemoração coletiva, representa muito mais do que o simples cultivar ou rememorar o passado, contemplar imagens sacralizadas ou os mitos e heróis concebidos pela sociedade. Reflete a necessidade de manter viva, pelas comemorações, a história dos grupos sociais, (re) atualizando práticas despossuídas e instituindo uma identidade social, que (re) organiza a sociabilidade dos sujeitos, interferindo no mundo do trabalho, nos laços familiares e na rotina diária.

De acordo com BRANDÃO (2004), a festa é uma fala, uma memória, uma mensagem, uma vez que leva os sujeitos a viver, no lugar festivo, o tempo simbólico que interrompe o

cotidiano, é possível notar que ela insere um novo significado, um novo sentido às vivências dos sujeitos naquele momento. Para ele, a festa apodera-se da rotina, excedendo a lógica das relações sociais, constituindo, no país, um cenário diversificado de práticas e representações que expressam sentidos variados de viver, participar e festejar assumidos pelos sujeitos no convívio social, mediante as diferentes incorporações culturais à vida da população.

A festa, num contexto dinâmico e múltiplo, expressa diferentes sentidos de acordo com as vivências, experiências e interesses que se imbricam na sua realização. Conclini (1983), leva-nos a uma compreensão geral sobre o sentido da festa, quando afirma que as celebrações festivas sintetizam a totalidade da vida dos sujeitos dentro das relações sociais, econômicas, culturais e políticas que movimentam as suas comunidades. Para ele, uma das suas origens está ligada aos movimentos de unificação das massas para celebrar acontecimentos ou crenças nascidas no convívio social, fruto das experiências cotidianas, e outra determinada pela imposição do poder cultural, no sentido de comandar as condições materiais da vida dos sujeitos.

A festa é momento dos relembramentos, de trazer à tona as lembranças do passado, de revivê-las, de atualizá-las e fazer com que sentimentos e ressentimentos misturem-se, projetando na memória dos sujeitos a presentificação da festa nas suas vidas. Mesmo diante dessa multiplicidade de situações, muitos religiosos não conseguem vislumbrar as celebrações em torno dos santos que evidenciam práticas culturais expressas em forma de festa como momentos múltiplos de atualização e ritualização devocional.

Numa outra dimensão, podemos destacar que o sentido da festa, como bem sabemos, ultrapassa a simples comemoração, passando a reforçar laços afetivos e religiosos, a transcender o homem comum a um plano superior daquele vivenciando no dia-a-dia, a promover sujeitos, a impor ritmos e aceitações ideológicas, a aflorar desejos, a atualizar e revigorar condições sociais e jogos de interesses escamoteados no interior dos momentos festivos. Tudo isso acentua o caráter de entretenimento vivido pelas classes populares, como se suas práticas fossem uma espécie em extinção, exótica, registrada por meio da História e da memória, servindo, assim, a explorações políticas e comerciais de toda ordem. (PEREZ, 2002, p. 16). Percebemos então, que a festa não se resume a um divertimento ingênuo ou ao acaso. Ela é muito mais que isso.

Dessa forma, um dos estudiosos a atentar para a importância da compreensão do sentido da festa nas sociedades foi Durkheim (2000), cujo estudo associa o entendimento das festas aos diferentes processos religiosos que são também incorporados à vida social dos sujeitos.

Amaral (1998), unindo as idéias de Durkheim sobre festa a de outros estudiosos de temática preocupa-se em compreender os múltiplos sentidos da festa no Brasil. Assim, ajuda-nos a perceber, de forma mais evidente, que esse tipo de manifestação social, engajada no cotidiano dos sujeitos, possibilita pensar a representatividade da festa nas suas vidas, o que tem sido uma preocupação de diferentes áreas do conhecimento.

Por este viés, a transposição entre o ato de festejar pelo simples festejar ou de viver a própria festa na sua plenitude, leva ao jogo elaborado da construção de interesses específicos sobre o momento da celebração festiva, de acordo com os grupos sociais que ali se encontram, já que cada um concebe a festa à sua maneira e dela tira os proveitos necessários à manutenção de suas ideologias, crenças e interesses individuais e/ou coletivos. E assim conforme destaca Rita Amaral, a festa perpassa pólos distintos quanto à sua organização e sentido, posto que, entrelaçados a esta, também se encontram diferentes simbologias.

Pensando nessa dinamicidade festiva e nos vários momentos de uma festa, notamos que é ali que os valores sociais, culturais ou religiosos são reforçados ou impostos. Assim como novas formas de perceber e conceber a festa são inseridas num contexto social de trocas simbólicas e de interesses que reforçam a ação dos homens sobre outros homens, também a sua própria continuidade pode demonstrar a resistência de um grupo social, demarcando e atribuindo-lhe importância social. Dessa perspectiva, pode-se festejar aquilo que foi para nós selecionado pelos outros e incorporado a nossa memória, fazendo-nos lembrar determinadas datas e reviver as celebrações e os ritos do passado das elites sociais, como pode revigorar a identidade cultural e sociais, como pode revigorar a identidade cultural e valorar segmentos sociais marginalizados socialmente.

2.1 - A infância e a Leitura de Mundo a Partir das Festas - A Pedagogia da Festa

Consideramos que “ensinar” e aprender não podem ocorrer fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1997, p. 160). Falar em festa da escola cidadã significa isto: ousadia ou enfrentamento do risco, necessidades de evitarmos atitudes que possam diminuir o significado dessa festa, da festa que é do povo, como se falar em festa significasse “apenas” um momento de lazer, ou de brincadeira, ou de “oba-oba”. A realização da festa na escola

traduz a incorporação da informalidade ao currículo. Disso decorre a sua dimensão político-pedagógico ao significar, sobretudo, uma reflexão socioantropológica da realidade na qual está inserida a escola.

A festa “é um evento excepcional, e é assim exatamente porque rompe as lógicas do comum, mas esta peculiaridade subtende, no seu interior, muitas e profundas variáveis de sentido, de valores, de modalidades participativas” (Giacolone, 1998, p. 127). Ao realizarmos a festa na escola, estaremos também colaborando para o reconhecimento da multiplicidade. Esta “torna-se intercultural quando as diferentes dimensões entram em relação, colocam-se em jogo”.

Entretanto, a escola precisa escrever a sua história de várias maneiras: por escrito, em vídeo, em áudio, através de fotografias, desenhos e outras formas criativas de registros.

Algumas perguntas podem orientar o sempre indispensável registro da experiência da leitura de mundo via festa. Por exemplo: O que, com quem e como nos organizamos? Quais as nossas dificuldades e facilidades? O que não conseguimos fazer? Em que aspectos avançamos?

Quais foram os conflitos, os retrocessos, as aprendizagens e os êxitos, os problemas a enfrentar, as sensações e as relações criadas e estabelecidas durante a realização das várias atividades da festa? O que gerou mais prazer e mais medo? Como conseguimos superar as dificuldades e os problemas surgido? Enfim, o que devemos fazer novamente e o que não vale apenas repetir?

Como essas e outras perguntas estaremos reunindo elementos fundamentais para organizarmos a escrita, digamos, mais formal do projeto político-pedagógico da escola e reunindo elementos contextualizados e, sobretudo, vivenciados pelos diversos segmentos escolares para melhor ressignificarmos o currículo escolar. Favorecemos, assim, a aprendizagem dos alunos e a interdisciplinaridade. Teremos em mãos as informações iniciais para a definição dos princípios, das diretrizes e das propostas de ação do nosso projeto de escola, de cidade, de sociedade e de mundo. E pela falta dessa “festa” cidadã que os professores não compreendem muitas vezes os sentidos dos festejos nas escolas.

De acordo com Giacolone (1998), um elemento a considerar é que as manifestações tradicionais - pelo fato mesmo de serem tradicionais - desenvolveram um percurso histórico, ao longo do qual os significados foram sendo alterados. Assim, é indispensável à utilização do método histórico para a compreensão dos fatos estudados. No entanto, as festas, em geral, vem sofrendo significativas mudanças em sua organização, no Brasil, resultantes da

massificação da cultura, da urbanização, da divisão do trabalho e da modalidade da economia capitalista adotada.

2.2 - A Emergência das Festas Juninas

Acredita-se que estas festas juninas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 a 23 de junho) véspera do início das colheitas. No Hemisfério Sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a eles mesclaram na Europa. (ACENDENDO A FOGUEIRA DO MEU CORAÇÃO: Festas Juninas. Ciências hoje das crianças, revista de divulgação científica, nº 58, p.4-5. S/D).

Certamente as festas juninas começaram nos campos e nas plantações. Daí o caráter com que se apresentam hoje nas cidades brasileiras, com os homens fantasiados de caipiras e as moças vestidas como sinhazinhas da roça. Tais festas, representando a antiga vida do campo no Brasil, com o “casamento da roça”, o “discurso do padrinho”, “a capelinha”, etc., nada mais tem do antigo caráter religioso, mas são bem aceitas pela igreja, porque reverenciam a memória de São João Batista e se revestem de imensa poesia, inocência e ternura. São hoje uma das poucas tradições, que devemos vivamente cultivar, origem do nome São João Batista.

São muitas as maneiras como as pessoas comemoram as festas juninas em cada lugar. As crianças aprendem como os pais, que, por sua vez, aprenderam com os seus pais e avós, e assim, todo conhecimento vai sendo transmitido de geração a geração. A isto chamamos de folclore. Folclore quer dizer “conhecimento de um povo”. As festas juninas reúnem uma grande soma de conhecimentos desde por exemplo, as técnicas para se construir um balão até as receitas de canjica e revelam o jeito de ser e sentir de cada povo. Desde a Antiguidade, os povos acendiam fogueiras nessa época, acreditando com isso propiciar colheitas abundantes.

Se assim surgiu a tradição das fogueiras, com o passar do tempo, essa tradição foi ganhando novos sentidos. Há quem diga que o carvão e os estampidos são para afastar ou

destruir forças maléficas. Para a população cristã, o sentido dos fogos e das fogueiras é acordar São João.

Frei Vicente do Salvador, que foi um dos primeiros a escrever a história do Brasil, já falava em 1627, sobre os folguedos de São João, constatando que a festa atraía muitos índios ao povoado. Desde então, alguns costumes se mantiveram, outros foram se transformando. Teve até coisa que sumiu de vez, como por exemplo, o fogueteiro, a figura muito popular, antigamente, que fabricava de modo artesanal fogos de artifício. Edílson Carneiro que viveu de 1912 a 1972, foi um pesquisador que se dedicou a estudar essas manifestações do povo, compreendendo que tanto as expressões de alegria (como os festejos de São João) como as de tristezas fazem parte das características da história de um povo.

Segundo Bosi (2000, p. 60): “Onde há vida popular razoalmente e estável, há sempre uma cultura tradicional, tanto material, quanto simbólica, com um mínimo de espontaneidade coerência e sentimento, se não consciência, de sua identidade”.

As festas de junho em homenagem aos santos foram denominadas de “Festas Joaninas” devido a São João. O nome Joanina teve origem nos países europeus católicos no século IV. Quando chegou ao Brasil, trazido pelos portugueses, foi modificado para junina e incorporado aos costumes dos povos indígenas e negros. A influência brasileira pode ser percebida na alimentação (aipim, milho, genipapo, leite de coco), nos costumes (furró, boi-bumbá, quadrilha e o tambor de crioulo). Os franceses acrescentaram à quadrilha, passos e marcações inspiradas na dança da nobreza européia. Os chineses introduziram os fogos de artifícios. A dança-de-fitas é originária de Portugal e Espanha.

Para os católicos, a fogueira é o maior símbolo das comemorações Juninas e tem suas raízes em um trato feito pelas primas Maria e Isabel - para avisar Maria sobre o nascimento de João Batista, e, assim, ter seu auxílio após o parto, Isabel ascendeu uma fogueira sobre o monte. (AMARAL, 2001, P. 62).

Ainda, de acordo com Amaral (2001), no Brasil, além das fogueiras, as festas Juninas se caracterizaram também pelas bebidas, músicas, danças e comidas típicas, principalmente as de milho, pelo fato de se estar na sua safra. Essas festas foram trazidas pelos colonizadores portugueses, acrescidas de características européias (francesas) e tendo como finalidade reverenciar três Santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Aqui no Brasil, essas festas também mantiveram simpatias⁶ que, segundo Amaral, são a “parte mágica do catolicismo popular”.

6 Simpatias - profecias humorísticas para rapazes e moças durante a festa de São João. Dia 24; São Pedro-dia 29.

A importância das festas juninas é imensurável, pois enriquece o nosso folclore, oportunizando a população a preservar as tradições, conservando os festejos baseados na religiosidade cristã, celebrando os santos padroeiros acima mencionados.

A primeira das festas do ciclo junino é de Santo Antônio. A véspera deste dia, significativamente foi escolhida oficialmente como Dia dos Namorados, no Brasil. O culto de Santo é como o de São João, herança portuguesa. (Cascudo, 1969, p.128).

Sendo um santo português. Nascido em Lisboa, era também um dos mais populares e cultuados tanto em Portugal quanto no Brasil-Colônia. Segundo os portugueses, a ação de Santo Antônio era fundamental na guerra e seu nome funcionava como arma contra os perigos imbatíveis. No Brasil, seu papel de militar foi importante, também, dadas as inúmeras guerras revoltas as quais era invocado. E tanto fez ao lado das forças armadas brasileiras que recebeu patente e mesmo soldo em várias companhias do exército brasileiro. Recebeu ainda, por esta razão, o apoio dos militares, com dinheiro e prestígio, às suas igrejas, obras e festas. É incontável o número de homenagens a Santo Antônio, igrejas construídas em seu louvor, nomes de ruas, praças, pessoas, etc., na história e na geografia brasileira. Atualmente, Santo Antônio já não é mais cultuado como militar e sim, como casamenteiro e deparador de coisas perdidas. Cascudo (1969) cita um trecho de um sermão do padre Antônio Vieira no Maranhão, em 1656, em que são ressaltados os maravilhosos poderes deste santo na resolução de vários problemas da vida humana.

“Se vos adoce o filho, Santo Antônio; Se vos foge o escravo, Santo Antônio, se mandas a encomenda, Santo Antônio, se esperais o retorno, Santo Antônio, se perdeis a menor miudeza de vossa casa, Santo Antônio; e talvez, se quereis os bens alheios; Santo Antônio”.

(Pe. Antônio Vieira, apud Cascudo, 1969, p. 128).

Foi-lhe atribuída a característica de santo casamenteiro, porque em vida era uma das suas grandiosas qualidades, ser conselheiro para casais e orientador para jovens, “ainda diz a lenda que teria arranjado marido para três irmãs solteiras⁷, tornando-se “vitima” em inúmeras simpatias de moças solteiras que o imploram para que o santo lhe conceda a graça do matrimônio”. Em virtude de sua grande popularidade, são celebradas muitas festas em sua homenagem, tendo como ponto culminante a celebração do casamento matuto, em que muitas

7 Solteiras - Para maiores informações, ver Revistas Nova Escola, nº 103, Rio: Abril, junho de 1997.

vezes se vulgariza o sacramento do matrimônio, tornando os caipiras objetos de ridicularização como podemos comprovar através do cordel abaixo: (HASTENTENFEL, Zeno. Mundo Jovem, 216, junho de 1990, p.18)

É pro Santo casamenteiro.
 Pra quem são feitas muitas promessas
 É o preferido das solteiras
 Como também das casadas
 As solteiras pedem pra arranjar marido
 E as casadas pra segurar seus camaradas

Viúvas e desquitadas
 E moças do patrimônio
 Se agarram com o Santo
 Pensando no matrimônio
 Branca, preta, pobre e rica
 Reza toda hora e fica
 Implorando a Santo Antônio

São João Batista é descrito na Bíblia como pessoa solitária, que vivia no deserto e comia gafanhotos e mel. O caminho desse homem estranho e recluso aos nossos olhos, mas profeta de grande popularidade, cruzou com o da família real da época, a do rei Herodes Antipas, da Galileia. João ordenou publicamente o fato de o rei ser amante da própria cunhada, Herodíades, viúva de Felipo. Conta Marcos (cap.6, vers.17-18) que Salomé, filha de Herodíades, dançou tão bonita diante de Herodes que este lhe prometeu o presente que quisesse. A mãe de Salomé aproveitou a oportunidade para se vingar; anunciou que o presente seria a cabeça de João Batista, que já estava preso. O presente tétrico foi trazido sobre uma bandeja. A imagem de João Batista é geralmente apresentada como um menino com um carneirinho no colo. E que foi ele, segundo a Bíblia, que anunciou a chegada do cordeiro de Deus.

Apesar de descrito como um sujeito solitário, o povo se encarregou de criar o mito de que, o São João Batista adora uma festa barulhenta. No entanto, diz a tradição ele costuma estar dormindo juntamente na noite de sua festa. Se o estrondo dos fogos de artificios for alto

e forte, o clarão das fogueiras, o Santo acorda e, festeiro que é, desce a terra para comemorar. Mas nesse caso, diz a tradição, existe o sério risco de o mundo acabar com fogo.

De acordo com Freyre (1995, p. 246)

“Uma das primeiras Festas, meios populares, meio de igreja de que nos falam as crônicas coloniais no Brasil é a de São João já com fogueiras e danças. Pois as funções deste popularíssimo Santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por excelência. [...] As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, buscapês e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento), o amor que se deseja e não se encontrou ainda”.

Já Pedro é um santo que nasceu com nome diferente, chamava-se Simão ou Simeão. Nascido em um vilarejo pagão na Galileia, levou a vida como pescador, cidade de Cafarnaum, até que junto com seu irmão André, foi convocado por João Evangelista para fazer parte do grupo mais próximo os seguidores de Cristo.

Simão era um dos apóstolos preferidos de Cristo, que admirava sua liderança firme e lhe deu nome de Pedro (Petrus), que significa pedra, rocha. Justificando isso, Jesus teria dito: “És Pedro! E sobre esta rocha construirei minha igreja”. Dizem que Pedro viveu muitos anos após a morte de Jesus Cristo, dedicando sua vida à pregação das palavras de seu mestre pelo Império Romano, tanto na Palestina quanto em antióquia. Por esse motivo e por sua proximidade com Cristo, ele é considerado fundador da Igreja Católica Romana. Contam algumas versões que Pedro foi executado quando tinha 64 anos.

O povo vê São Pedro como o “porteiro do céu”, o manda-chuva e o padroeiro dos pescadores. A presença dele na tradição oral portuguesa e brasileira é constante. Quando começa a trovejar, as crianças sempre ouvem dizer que “é a barriga de São Pedro que está roncando” ou que “São Pedro está mudando os móveis do céu de lugar”. E, quando chove mesmo, “é São Pedro que está lavando o céu”. Na Bahia e em comunidades pesqueiras do Ceará, São Pedro é comemorado em alto-mar, com uma procissão em meio às ondas. No cortejo em frágeis jangadas artesanais, os fieis pedem proteção aos céus. A imagem do Santo, que também é pescador, é colocada em um andor e vai navegando pelo litoral e depois do cortejo, os pescadores participam de uma missa campal na beira da praia.

É interessante notar que não apenas o dia, propriamente dito, mas todo o mês, é considerado como tempo consagrado a estes Santos na região e principalmente, as vésperas, que é quando realizam os sortilégios e simpatias, a parte mágica da festa típica do catolicismo

popular. Inúmeras adivinhações a respeito dos amores e do futuro são feitas nas vésperas do dia dos Santos, em geral, de madrugada.

As festas juninas dignificam e immortalizam, não deixando desaparecer a origem desses Santos que abraçaram causas nobres, deixando uma mensagem de fé e são colocados como exemplos a serem seguidos, não aparecendo apenas no folclore com mitos e lendas e sim, como personagens que dão sentido a História, como podemos comprovar através do cordel:

A devoção do povo é grande
Pelos Santos padroeiros
São João, Santo Antônio
E também São Pedro

A Igreja Católica
Festeja os seus dias
Com muitas orações
E também muita alegria

O povo tem muita fé
E o Brasil todo comemora
Junho é o seu mês
E os Santos o povo aprova.

Concluindo este segundo capítulo, percebemos que as festas Juninas vão se expandindo em todo o país de forma que deixam de acontecer no meio rural e se deslocam para as cidades perdendo algumas de suas características como por exemplo, o soltar balões, levando pedido ao santo. Na cidade, as festas juninas crescem e mantêm a tradição rural de honrar os Santos do mês das colheitas. Ao invés de serem realizadas na casa de uma pessoa, as festas juninas ganham um espaço próprio para acontecerem, onde toda a comunidade tenha acesso para saborear comidas típicas, beber aguardente, quentão e dançar as quadrilhas improvisadas, ou seja, seus participantes escolhem os pares na hora da festa e vão dançar ao som do forró, chamado forró pé-de-serra, por ser feito apenas com os sons do zabumba, triângulo, pandeiro e da tradicional sanfona. É o que analisaremos no capítulo seguinte, onde apresentaremos as raízes profanas dessa festa.

CAPITULO III

3.0 - “Rapa Pé Nesse Salão”: As festas Juninas e Suas Raízes Profanas

São João na Roça

“A fogueira está queimando
Em homenagem a São João
O forró já começou
Vamos gente, rapar pé nesse salão”.

Dança Joaquim com Isabé
Luis com Iaiá
Dança Janjão com Raqué
E eu com Sinhá.
Traz a cachaça, Mané
Eu quero ver, quero ver paia voar.

(Luis Gonzaga e José Dantas - 1973)

A letra da música acima representa os empréstimos culturais presentes na cultura Junina. É possível perceber a partir dos nomes das pessoas o hibridismo cultural. Joaquim, nome advindo da cultura lusitana, dança com Isabel, um nome Hebraico que foi apropriado pelo cristianismo português. Da mesma forma, Luis, nome advindo da genealogia europeia, dança com Iaiá, nome típico das tribos indígenas brasileiras. Janjão dança com Raquel que é um nome hebraico, cristão novo e Manoel que é um nome popular nordestino. Ou seja, os festejos juninos são marca de várias culturas.

Esta música popular vem sendo tocada nos rádios, quadrilhas e arraiais, década após década, em homenagem a São João. A fogueira é acessa para comemorar o nascimento daquele que batizou Jesus Cristo, conforme narra a tradição católica. Quando no século VI o

Vaticano instituiu o dia 24 de junho para comemorar o São João, o povo europeu já comemorava com grandes fogueiras a chegada do sol e do calor, daí a influência pagã sobre a festa de São João. (AFFINI, 1995, p. 27).

No século XVIII, as comemorações em Portugal foram se intensificando quando passou a celebrar os Santos padroeiros (Santo Antônio, São João e São Pedro), e os brasileiros difundiram essa herança cultural, quando a família real portuguesa transferiu-se para o Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte. Com a família real, desembarcaram aproximadamente quinze mil aristocratas, em 1808, introduziram a Contradança⁸ que divertia as festas da realeza (AFFINI, 1995, p.24).

Na Contradança, os casais trocavam de pares, logo a novidade saiu nos salões reais e ganhou a simpatia e o gosto popular, sendo rapidamente assimilada nas festas populares. A dança francesa transposta para o Brasil pelos portugueses passou a ser largamente dançada em casamentos, batizados, festas de padroeiros, caindo no gosto dos brasileiros e tendo de imediato uma grande aceitação pela população tropical.

As quadrilhas⁹ foram perdendo status de dança nobre na zona urbana, quando no século XIX surgiram danças modernas e urbanas, como a polca,¹⁰ o maxixe¹¹ e o lundu¹². As populações rurais não aceitaram as novas formas de danças, devido à subjetividade¹³ conservadora da mesma.

Como nas danças, os pares dançavam muito próximos, apresentando intimidade (maior contato corporal) entre os casais, preferiam a quadrilha que ainda permanecia sendo dançada no mês de julho e na Zona rural, sem muita sensualidade e contato corporal.

A partir de 1930, Getúlio Vargas passou a estimular a busca da identidade cultural brasileira. Durante essa fase nacionalista, a vida rural e, conseqüentemente, do homem do campo, foi “revalorizada”. Segundo o antropólogo Renato da Silva QUEIROZ, “junto com a

8 Contradança - dança originada nos bailes camponeses da Normandia e da Inglaterra. Confira reportagem da Revista Super Interessante, 1995, p.25. Denomina-se contradança qualquer dança em que os pares se defrontam; quadrilhas; danças com fileiras opostas.

9 Quadrilha - a grande dança palaciana do século XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte, vivida e transportada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados.

10 Polca - espécie de dança em compasso de 2 por 4. No Brasil, foi dançada pela primeira vez em 1845, tornando-se predileta e adaptando-se entre os brasileiros.

11 Maxixe foi por algum tempo expoente da dança urbana, tendo cedido lugar ao samba no início do século XIX, devido à sua coreografia complicada, difícil e exagerada.

12 Dança e canto de origem africana, trazidos pelos escravos bantos, especialmente de Angola para o Brasil.

13 Subjetividade - acerca desse conceito, confira GUATTARI, Félix Micropolítica. Cartografias do desejo. Para Guattari, subjetividade é um “processo de singularização”; uma maneira de recusar todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-lo para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.

temática do homem do campo surgiu à dança caipira que nada mais é do que a quadrilha de origem aristocrática” (1995, p.27).

No Nordeste, as quadrilhas Juninas ganharam características específicas da região, retratando com muita originalidade os costumes nordestinos, tais como a colheita do milho, o amendoim torrado, o pé-de-moleque, o quentão ou mesmo o louvor aos Santos, e não deixando de citar os elementos folclóricos a exemplo do bumba-meu-boi, o Saci Pererê, e outros que entram na festa.

3.1 - As Quadrilhas - Tradição e/ou Modernidade?

As quadrilhas são o espetáculo por excelência do São João. Dança típica das festas Juninas, a quadrilha é considerada uma herança do folclore francês, acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa. Ela é inspirada na contradança francesa e sua origem no Brasil, está na chegada da corte real portuguesa, no começo do século passado. Com D. João VI, que fugia do avanço das tropas de Napoleão Bonaparte, além dos artistas franceses, como Debret e Rugendas, viram também os modismos da vida européia, dos quais um dos favoritos era a quadrilha dirigida por mestres franceses da contradança. Muitas das ordens desta dança transformaram-se em comandos típicos da quadrilha “caipira”, como os termos “*anarriê*” (*em arriere*, que significa “para trás”) ou “*anavã*” (*in avant*, que significa “em frente”), “*changedidame*” (*changer de dame*, ou seja, “trocar de dama”), “*chemandidame*” (*cheiminda dame*, “caminho de damas”), ou *otrefua* (*autrefois*), “outra vez”. Ela foi a grande dança dos palácios do século XIX e abria os bailes das cortes em qualquer país europeu ou americano, tendo se popularizado reinterpretada pelo povo, que lhe acrescentou novas figuras e comandos, construindo o baile em sua longa e exclusiva execução, composta de cinco partes ou mais, com movimentos vivos e que terminava sempre por um galope. (AMARRAL, 1995, p. 25).

Desse modo, a quadrilha perde as características da dança de salão e apropria-se de novas características na sua marcação e coreografia, deixando de lado os traços afrancesados e incorporando um estilo pitoresco. Em meio à “simplicidade” do homem do campo e à alegria de se festejar o São João, surgem as quadrilhas matutas com suas vestimentas simples como: calça remendada, camisas de xadrez e vestidos de chita, junto a outras demonstrações

de humildade e simplicidade do caipira demonstrando assim sua maneira de ser onde podemos comprovar bem isto na fotografia a seguir:



FIGURA 01 - Quadrilha Matuta do Sítio Chã do Jardim - Município de Areia/PB
FONTE: Acervo particular de Janieiry

3.2 - Da Roupas Remendada à Roupas Estilizadas

Podemos perceber que no Nordeste as festividades Juninas passaram por rupturas, modificações, que vieram com o surgimento de um novo estilo de quadrilha denominado estilizada.¹⁴ Embora rompam com o estilo das quadrilhas Matutas, mantêm em seus enredos algumas de suas características, dentre elas a figura do sertanejo, a seca, o cangaço, enfim, tratam de temas que enfocam todo o cotidiano Nordestino. Além disso, o forró que as acompanha perde espaço para o “forró eletrônico”¹⁵ que passa a ser mais “animado”, embora

¹⁴ Estilizada - é o estilo da quadrilha que segue um estilo na evolução, na dança, no figurino e na música.

¹⁵ Forró eletrônico: nome dado ao estilo de forró que foi acrescido de instrumentos elétricos como, por exemplo, a guitarra.

as letras das músicas continuem retratando a mesma temática do forró “pé-de-serra”, tocado e cantado principalmente por Luiz Gonzaga, que ficou conhecido como o Rei do Baião.

No entanto, esse “forró eletrônico” tem em suas músicas características marcantes do Nordeste, simbolizando, assim, marcas e expressões do sertanejo, como podemos ilustrar através da letra da música abaixo:

No meu sertão tem de tudo	Xote baião de leste à oeste
De bom que se possa imaginar	
Tem sol clareando	Mas apague a lamparina
Lá onde canta o sabiá	Deixe o lampião
	Lampião de Virgulino
Tem a bondade nos olhos	Ninguém Bole, não
Do homem trabalhador	Já pensou no rebuliço
Que usa chapéu de palha	Que aqui pode dar
Com humildade, sim “sinhô”	Se apagar o lampeão
	A coisa vai mudar
No meu sertão xique-xique	
É a bandeira do nordeste	
Tem forró, vaquejada,	

(Rita de Cássia, “Raizes do Nordeste”).

De acordo com Lellis e Ferreira (2003, p.23) característica marcante das quadrilhas estilizadas é o seu figurino que vai diferir do apresentado pelas quadrilhas matutas por apresentar roupas simples, semelhantes aos trajes sertanejos, enquanto que as quadrilhas estilizadas trazem luxos e requinte com vestidos de tecidos finos, cheios de babados e fitas, além do brilho e adornos que fazem com que a roupa retrate o tema abordado no enredo dessas quadrilhas. Ainda sobre as vestimentas das quadrilhas, vale ressaltar que todas são iguais e tem o mesmo traço apresentado nas roupas dos homens, em especial nas camisas, como mostra a fotografia a seguir:



FIGURA 02 - Quadrilha Estilizada da E. M. E. F. “Pedro Honório” - Sítio Chã da Pia - Areia/PB
FONTE: Acervo particular da autora

Em suas apresentações, as quadrilhas estilizadas mostram uma nova coreografia em que os antigos passos dançados pelas quadrilhas matutas sofrem modificações de tal modo que se pode considerar que houve uma reinvenção dessa dança. Essas quadrilhas, por sua vez, criam sua coreografia com base no enredo e escolhem as músicas que também estejam relacionadas à mesma temática abordada. Nessa coreografia, os componentes¹⁶ das quadrilhas fazem evoluções com objetos, fitas e até com eles mesmos, formando no final de cada passo, uma bandeira, ou uma renda feita de fitas, por exemplo, sempre com base no enredo escolhido. Os passos formam uma “perfeita” combinação, trazendo para o público um espetáculo de cores, brilho, harmonia e sincronia.

¹⁶ Componentes - nome que se dá aos dançarinos da quadrilha.



FIGURA 03 - Coreografia com fitas formando um balão da E. M. E. F. “Pedro Honório” - Sítio Chã da Pia Areia/PB

FONTE: Acervo particular da autora

Diante dessas transformações trazidas pela quadrilha estilizada, as marcas dos festejos juninos tradicionais não são totalmente esquecidas, uma vez que mostram o casamento matuto com noivos, padres, convidados e, sem esquecer o pai da noiva irritado com o “cabra safado” que “embuxou”¹⁷ a sua filha. Outro personagem presente é o delegado de polícia encarregado de evitar a fuga do noivo da cerimônia. Realizando o casamento, os participantes vão para o forró e nesse momento inicia-se a quadrilha, que embora estilizada, evidencia ainda traços de tradição com a celebração irônica de um casamento típico dos matutos, conforme o arquétipo criado em torno da “simplicidade” e do conservadorismo do homem do campo.

Enfim, as quadrilhas matutas e estilizadas podem ser compreendidas como um corpo vivo, atuante, ativo e dinâmico, onde a população assimilou e propagou as modificações dessa manifestação cultural Festejos Juninos, através da dança, forma e expressão que marcaram e estiveram presente desde a época da colonização do Brasil, configurando no presente de forma contemporaneizada, sem, contudo, perder as características juninas, afirmando dessa forma, a cultura tecida pelo fio da História.

¹⁷ Embuxou - Palavra do vocabulário de domínio popular.

CAPITULO IV

4.0 - A falta de Visibilidade das Quadrilhas Juninas do Município de Areia/PB

4.1 - Uma Manifestação Cultural Silenciada em Plena “Terra da Cultura”

Areia, terra da cultura? Ou das culturas? Se aceitarmos a segunda alternativa, vem outra questão: que culturas? Ao dizermos “terra das culturas”, vinculamos as culturas ao ambiente onde elas se expressam: culturas da terra. E quais são as expressões culturais desta terra? De onde vêm? Vêm pelo hábito antropofágico de ingerir e recriar as influências externas culturais, como diria o “profeta modernista”? Ou vem do barro do chão, como diria o poeta tropicalista? Algumas das nossas expressões culturais podem estar relacionadas mesmo com a terra, literalmente. Afinal, o próprio topônimo “Areia” invoca o solo - pátrio (ou terramãe?). (Ângelo Giuseppe Chaves Alves, 2006, p.02)¹⁸.

Diante dessas interrogações feitas pelo professor Ângelo Giuseppe, percebemos o quanto o município não dá ênfase à cultura local, principalmente aos festejos juninos. Visto que na época Junina, a cidade nem se enfeita, não há pavilhões ou palhoças, não há “apresentações” de quadrilha em um local destinados para esses eventos e quando há, são feitas nas ruas, sendo quadrilhas improvisadas por alguns jovens estudantes, dita quadrilha matuta. E também tem um senhor que sempre faz o “São João” de sua rua, rua essa, bem afastada do centro chamada assim, “São João do Busca-pé”, por saltar muitos busca-pés, entre outros fogos. E também há apresentações de quadrilhas e grupos folclóricos, vindos de outros municípios.

É impressionante, perceber que não se apresenta nenhuma quadrilha da cidade de Areia, onde é perceptível notar que quadrilhas da zona rural do mesmo município se deslocam

18 Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (agcalves@ufrpe.br agcalves@yahoo.com). A loiça da pia foi o tema da tese defendida em 2004 pelo autor desse artigo. Jornal de Areia. A serviço da comunidade. Informativo da Prefeitura Cidade de Areia/PB.

até a cidade para fazer suas apresentações, algumas, já estilizadas. No final das apresentações das quadrilhas grupos folclóricos, há a entrega de troféus de participação.

No entanto, esse evento do “São João do Busca-pé”, é divulgado no rádio local, mas a população areiense não dar tanta credibilidade, pois são poucas as pessoas que vão prestigiá-lo.

Ao término das apresentações das quadrilhas e grupos folclóricos, há o tradicional “forró pé-de-serra” tocado ao som da sanfona, triângulo, zabumba, entre outros, este da própria cidade, atraindo principalmente os “mais velhos”, em decorrência dos jovens de hoje, preferirem o forró eletrônico.

Diante disso, percebemos que a “cultura” areiense não está sendo tão “valorizada” o quanto deveria ser, isto pela falta de incentivo dos próprios gestores, os quais poderiam e deveriam valorizar mais esta terra, considerada patrimônio histórico urbanístico e paisagístico Nacional. Assim, fica para os historiadores e antropólogos a pergunta no ar e também para os interessados na valorização da(s) nossa(s) cultura(s) que podemos fazer para conferir a essa expressiva manifestação cultural o devido reconhecimento e valorização?

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi possível percebermos as contribuições deixadas pela cultura e pelas práticas culturais, pois problematizamos a idéia de que cada geração humana, em determinada sociedade, recebe elementos adquiridos de seus antepassados, e ao mesmo tempo vai acolhendo novos elementos que se unem aos já existentes. Concebemos a cultura ao percebermos que a mesma é dinâmica e está em mutação.

Ao nos empenharmos nesta pesquisa, notamos que a modernidade vem conduzindo consigo as transformações desses festejos juninos, fazendo assim um resgate na cultura, apresentando uma nova roupagem e em novas articulações. As Festas Juninas se modificaram ao longo do tempo, do estilo matuto ao estilizado, visando acompanhar o contexto da atualidade em figurino, danças, coreografias e músicas. Em decorrência destas transformações, observamos a origem, o que se difere e o que se iguala aos dois tipos de quadrilha: matuta e estilizada.

Foi o que constatamos ao trabalharmos a manifestação cultural “Festas Juninas”, que com tantas mutações sofridas ao longo do tempo, as quadrilhas continuam em ascensão, apresentando assim, uma grande expressão cultural que o tempo não deixou apagar, e assim, enriqueceu e intensificou, transformando num brilhante espetáculo.

Uma grande dificuldade encontrada durante esta pesquisa foi a escassez de fontes que nos auxiliassem algo sobre as “quadrilhas de Areia-PB”, especificamente na zona urbana, pois visitando a Secretaria da Cultura do Município local, vimos que nada constava à respeito das mesmas, abrindo assim um espaço para fazermos uma crítica com relação a essa falta de visibilidade histórica desses festejos juninos na cidade de Areia. Pois certamente, estes tem muito a contar, revelar e transformar junto à posteridade, que também se tornará um fio condutor da História.

Enfim, não nos bastou conceituar a cultura, tornou-se necessário mostrar como as festas juninas chegaram ao Brasil. Elas foram trazidas pelos colonizadores portugueses que emprestaram a colônia elementos de sua cultura. Destacamos ainda a apropriação nas festas brasileiras da contradança francesa que no Brasil, em uma versão tropical, tornou-se tradicional quadrilha em honra aos Santos Juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acendendo a Fogueira do meu coração: Festas Juninas. Ciências hoje das crianças, revista de divulgação científica. Nº 58, p.4 - 5. S/D

AMARAL, Rita de Cássia de Melo Peixoto. **Festa à Brasileira - Significados do festejar, no país que “não é sério”:** Máscaras do tempo - entrudo, Mascarada e Frevo no carnaval de Recife. Recife: Fundação da cultura da cidade do Recife, 1996.

BELTRÃO, Luis. **Folkcomunicação dos Marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980, 279p.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna,** São Paulo, Companhia das Letras, 1989, 307p.

O mundo do Carnaval, São Paulo, Companhia das letras, 1989, 307p.

BURKE, Peter. **A descoberta do povo.** Companhia das Letras, 1989, 305p.

BRITTO, Filho, Toscano Galdino e PALITOT, Mônica Dias. **A Educação - sob o prisma do Socialismo e da Cultura.** Conceitos, João Pessoa, V.4, nº6, P. 1-180 Jul/Dez.2001.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural.** Tradução Enid Abreu Dobránszky - Campina: Papyrus, 1995. Coleção Travessia do século.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações,** Rio de Janeiro: difel, 1990, p.13 - 119.

FERREIRA, Edilza de Araújo e LELLES, Wênia Azevedo Machado. **“Mais Estrela que o céu, Mais Areia que os Rios”:** História das quadrilhas Estilizadas de Cruzeta, (1992 - 2002), Caicó -RN, 2003; 51P.

<http://w.w.w. aguaforte. Com/antropologia/festaabrasileira/ As Festas Juninas.html>.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:um conceito antropológico/** Roque de Barros Laraia.18, ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LIMA Elisabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção das Festas Juninas no espaço urbano.** João Pessoa: Idéia, 2002, 262p.

SOUZA, Francinete de F. de Azevedo. **Entre Histórias e Balões: A história dos festejos juninos em Acari - RN (1980-2000).** Caicó - RN, 2001.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia da Educação.** São Paulo: Atual, 1997.

KATRIB, Cairo Mohamad I. **Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário - Catalão - Go (1936 - 2003).** Uberlândia:Departamento de História. (dissertação de mestrado, 2004.(Mimeo).

ANEXOS



FIGURA 01 - Quadrilha Moleca Senvergonha - Campina Grande Vice-Campeã do Nordeste em 2007



FIGURA 02 - Quadrilha dos funcionários da Prefeitura Municipal de Casserengue - PB.



FIGURA 03 - Quadrilha da Cidade de Barra de Santa Rosa - PB, com sua apresentação em Remigio/PB.



FIGURA 04 - Quadrilha estilizada da Cidade de Remigio.



FIGURA 05 - Casal: "Lampeão e Maria Bonita", é mostrado como representante do elemento cultural o "Cangaço", identificando as raízes nordestinas da quadrilha.



FIGURA 06 - Quadrilha Estilizada da E.M.E.F.Pedro Honório, Chá da Pia do Município de Areia-PB.

1 - Oração para os namorados

Meu grande amigo Santo Antônio, tu que és o protetor dos enamorados, olha para mim, para a minha vida, para os meus anseios. Defende-me dos perigos, afasta de mim os fracassos, as decepções, os desencantos. Faze com que eu seja realista, confiante, digno e alegre. Que eu encontre um amor que me agrade, seja trabalhador, virtuoso e responsável. Que eu saiba caminhar para o futuro e para a vida a dois com as disposições de quem recebeu de Deus uma vocação sagrada e um dever social. Que meu amor seja feliz e sem medidas. Que todos os enamorados busquem a mútua compreensão, a comunhão de vida e o crescimento na fé. Assim seja.

2 - Oração para obtenção de graças

Glorioso Santo Antônio, que tiveste a sublime dita de abraçar e afagar o Menino Jesus, alcançai-me deste mesmo Jesus a graça que vos peço e vos imploro do fundo do meu coração (pede-se a graça). Vós que tendes sido tão bondoso para os pecadores, não olheis para os pecados de quem vos implora, mas antes fazei valer o vosso grande prestígio junto a Deus para atender o meu insistente pedido. Amém.

SIMPATIAS

1 - Sabedoria de bananeira

Na noite de São João, 23 para 24, deve-se enfiar uma faca virgem (nova) na bananeira. No dia seguinte, de manhã bem cedo, retire a faca que nela aparecerá o nome do(a) futuro(a) noivo(a). Outra variante dessa simpatia diz que o nome do(a) futuro(a) marido/mulher aparecerá escrito no caule da bananeira. Alguns preferem ver o nome escrito no tronco da bananeira. Ainda há outra variante, mais rápida: enfia-se a faca na bananeira e, ao retirá-la, você ouvirá o nome do(a) futuro(a) companheiro(a).

2 - Papeis mágicos

Na noite de São João, escreva em pequenos papeis o nome de vários(as) pretendentes. Enrole-os e jogue-os em uma bacia ou copo d'água. O papel que se desenrolar primeiro

indicará o nome do(a) futuro(a) companheiro (a).

3 - A idade do conjugue

Passa um ramo de manjeriçã sobre a fogueira e jogue-o sobre o telhado de sua casa. Se na manhã seguinte ele ainda estiver verde é sinal de casamento com pessoa jovem Se estiver murcho, com pessoa mais velha.

4 - Oráculo de carvão

Pegue dois pedaços de carvão da fogueira de São João. A meia-noite, coloque os carvões em uma bacia com água. Se afundar o maior é porque o marido vai morrer primeiro. Afundando os dois o casal vai morrer junto. Se os dois carvões boiarem, o casal terá vida longa.

CRENDICES

1 - Sonho lotérico

Se você sonhar com um bicho na véspera de São João, deve jogar na loteria porque vai ganhar com certeza.

2 - Energia do Santo

Regue as plantas antes de o Sol nascer, no dia de São João. As plantas crescerão bem mais fortes.

3 - O poder do carvão

- O carvão que sobra depois que a fogueira apaga adquire poderes sobrenaturais. Com ele, pode-se cobrir os ovos das aves para que a ninhada seja forte e saudável.
- Andar com um pedaço de carvão da fogueira no bolso traz felicidade e dinheiro o ano todo.

- Jogar na fogueira um galho de alecrim, arruda ou uma trança de alho espanta o mau-olhado.
- Os carvões que restarem podem se enviados a parentes e amigos, pois são considerados bentos.
- Quem possuir um carvão da fogueira viverá até o próximo São João.

4 - O poder do mastro

- Para obter boa colheita, prenda junto à bandeira do mastro laranjas, pencas de bananas e espigas de milho, pedindo a proteção dos santos.
- As espigas de milho que ficam no mastro são recolhidas e usadas para o plantio. Dizem que quem achar no dia da festa uma espiga com 15 fileiras ficará rico.

Culinária Junina - São João na cozinha

No dia da festa de São João, era costume deixar as portas das casas abertas. Os vizinhos e conhecidos podiam entrar para provar os pratos de uma mesa muito farta e variada. No Norte e no Nordeste do Brasil, come-se ainda muita castanha-do-pará ou de caju e guloseimas feitas de coco ou de macaxeira. No Sul e no Sudeste, muito pinhão e amendoim. Mas quem impera nas festas juninas é o milho. Além de ser um dos alimentos mais antigos do mundo, originado aqui mesmo nas Américas há pelo menos 7 mil anos, a época de sua colheita coincide com as festas juninas. Experimente fazer estas receitas. São fáceis e podem ser preparadas também pelas crianças sempre, é claro, com a supervisão e ajuda de um adulto.

Bolo de milho

Ingredientes:

4 espigas de milho
1 ½ xícara de chá de farinha de trigo
1 colher de sopa de fermento
1 xícara de chá de manteiga
1 lata de leite condensado
4 ovos

Preparo:

Bata a manteiga em creme e, sem parar, junte o leite condensado e os ovos. Acrescente o milho ralado e peneirado. Em seguida, misture levemente a farinha peneirada. Por último, misture o fermento.

Deseje em fôrma para pudim, untada e polvilhada.

E asse em forno médio por 35 minutos.

Pé-de-moleque com farinha

Ingredientes:

1 prato ou ½ quilo de amendoim descascado

2 rapaduras pequenas

½ prato de farinha de mandioca

1 pedaço pequeno de gengibre ralado

Preparo:

Coloque os amendoins em uma assadeira e torre-os no forno. Retire-lhes a pele colocando-os sobre um pano limpo e esfregando. Passe os amendoins na máquina de moer carne ou soque-os com um pilão.

Derreta as rapaduras em 3 xícaras de água com o gengibre. Deixe ferver até o ponto de bala.

Junte o amendoim e a farinha de mandioca e misture.

Retire do fogo e bata o doce com uma colher de pau, despejando-o em seguida sobre o mármore da pia untado com manteiga ou margarina. Corte o pé-de-moleque em quadrados ou losangos.

Pé-de-moleque

Ingredientes:

1 prato fundo de amendoim descascado

3 copos de leite

- 2 pratos fundos de açúcar
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1 colher de chá de bicarbonato de sódio

Preparo:

Leve os amendoins ao forno médio por cerca de 30 minutos, revirando-os de vez em quando para que torrem por igual. Para retirar-lhes a pele com facilidade, basta colocá-los num pano limo e esfregar. Reserve os amendoins. Coloque todos os ingredientes, menos os amendoins, em uma panela grande. Em fogo brando, deixe ferver por uma hora e meia, mexendo até formar uma calda grossa.

Unte com manteiga ou margarina o mármore da pia. Retire do fogo a calda grossa e bata-a bem com uma colher de pau. Quando começar a açucarar, acrescente os amendoins, misture e despeje no mármore. Corte em quadrados ou losangos e deixe esfriar antes de separar os pés-de-moleque.

Bolo de Fubá com massa cozido

Ingredientes:

- ½ litro de leite
- 3 xícaras de chá de fubá
- 2 colheres de manteiga ou margarida derretida
- 1 ½ xícara de açúcar
- 3 ovos
- 1 colher de fermento em pó
- erva-doce e sal a gosto

Preparo:

Prepare uma mistura em ponto de angu o fubá, o leite, a erva-doce, o açúcar e o sal. Deixe esfriar. Bata à parte as claras em neve, acrescente as gemas e misture-as com um garfo

no angu já frio. Leve para assar, em forma untada e polvilhada, em forno quente. Depois de frio, corte em quadrado.

Canjica

Ingredientes:

1 e ½ xícara de milho de canjica
1 lata de leite condensado
leite
canela em pó para polvilhar

Preparo:

Na véspera, deixe o milho de canjica de molho em água fria. Renove a água e cozinhe em panela de pressão com 3 litros de água fria por 2 horas. Depois de cozido, junte uma lata de leite condensado, a mesma medida de leite e deixe ferver por mais cinco minutos, mexendo sempre. Despeje em uma tigela e sirva polvilhada.

Canjica com amendoim

Ingredientes:

1 quilo de canjica
2 litros de leite
1 coco pequeno (400gramas) ralado
250 gramas de amendoim torrado e moído
açúcar a gosto
canela em pau
canela em pó

Preparo:

Deixe a canjica de molho de um dia para o outro. Cozinhe com água suficiente, para cobrir a canjica na panela de pressão é mais rápido. Quando estiver com pouca água, coloque o leite, o coco e o amendoim e deixe ferver. Depois é só acrescentar a gosto o restante dos ingredientes. Sirva em tigela pequena ou prato fundo.

Bolo de milho com coco

Ingredientes:

8 espigas de milho
5 ovos
2 xícaras de chá de açúcar
1 colher de sopa de margarina
2 copos de leite
½ pacote de coco ralado ou leite de coco.

Preparo:

Corte as espigas de milho pela altura, retirando os grãos. Despeje o milho no liquidificador e junte a ele todos os outros ingredientes (coloque metade do pacote de coco ralado ou um pouco de leite de coco, de acordo com sua preferência). Despeje tudo em uma assadeira.

Curau

Ingredientes:

10 espigas médias de milho verde
2 litros de leite integral
3 xícaras de chá de açúcar

1 pitada de sal
canela em pó

Preparo:

Depois de limpas e lavadas, rale as espigas em um ralador comum de cozinha. Passe uma colher pelos sabugos para extrair mais sumo e misture-o ao milho ralado. Coloque o milho em uma tigela grande e misture 1 litro de leite. Coe a massa em um pano, apertando bem. Aos poucos, adicione o outro litro de leite à massa que está dentro do pano, apertando-o para tirar mais caldo. Continue adicionando leite e apertando o pano enquanto o caldo coado sair muito amarelo. Despeje o caldo de milho em uma panela grande e acrescente o açúcar e o sal. Cozinhe por 45 minutos, mexendo sempre. Prove para testar o cozimento. Você também pode saber se está bem cozido pelo cheiro forte de milho. Despeje em recipientes pequenos; polvilhe com a canela, se quiser. Pode ser servido quente, frio ou gelado.

Ouentão

Ingredientes:

1 garra de pinga
2 litros de água
150 gramas de gengibre cortado
açúcar a gosto (mais ou menos ½ quilo)
cravo, canela e erva-doce

Preparo:

Faça um chá com o cravo, a canela, a erva-doce.

O gengibre e o açúcar. Doure um pouco 1 xícara de açúcar, acrescentando em seguida 4 xícaras de água. Depois que o açúcar derreter, despeje essa calda no chá. Quando for servir, retire o gengibre e coloque a pinga. Esta receita pode ser feita dias antes e guardada em garrações bem tampados.

DICIONÁRIO GRAMATICALMENTE MATUTO

Acavalado - grandalhão

Afolosado - folgado

Apoquentado - cabeça quente

Biloura - vertigem

Brebôte - conversa fiada

Bruaca - mulher feia

Carnegão - furúnculo

Catombo - carouço

Danação - alvoroço

Espritado - danado

Folote - folgado

Fubica - carro velho

Furdunço - confusão

Fuzaca - folia

Gaitada - gargalhada

Gaiato - engraçado

Inhaca - mau cheiro

Jabriaca - mulher valente

Jamanta - coisa grande

Lundum - mau humor

Mochicão - beliscão

Parrudo - forte

Quizila - aversão

Seboso - sujo/nogento

Sustança - força

Turica - vertigem

Urucubaca - azar

Vôte - espanto

Xepa - comida de gente pobre

Zambeta - perna torta

CANÇÕES JUNINAS

Antônio, Pedro e João (Benedito Lacerda e Oswaldo Santiago)

Com a filha de João / Antônio ia se casar/ Mas Pedro fugiu com a noiva/ Na hora de ir pro altar

A fogueira esta queimando/ Um balão esta subindo/ Antônio estava chorando / E Pedro estava fugindo / E no fim desta história / Ao apagar-se a fogueira/ João consolava Antônio Que caiu na bebedeira.

Olha Pro Céu

(Luiz Gonzaga e José Fernandes)

Olha pro céu meu amor/ Vê como ele está lindo/ Olha aquele balão multicolor/ Como no céu vai subindo.

Foi numa noite igual a esta/ Que tu me deste o coração/ O céu estava assim em festa/ Porque era noite de São João/ Havia balões no ar/ Xote e baião no salão/ E no terreiro o teu olhar/ Que incendiou um coração.

Pagode Russo (Luiz Gonzaga)

Ontem eu sonhei que estava em Moscou/ Dançando pagode russo na boate Cossacou (bis). Parecia mais um frevo/ Naquele “cai e não cai”/Parecia mais um frevo/ Naquele “vai e não vai”

Vem cá cossaco/ cossaco dança agora/ na dança do cossaco/ não ficar cossaco fora.

Pula a Fogueira (Amor e João Bastos Filho)

Pula a fogueira iaiá/ Pula a fogueira ioió/ Cuidado para não se queimar/ Olha que a fog
Já queimou o meu amor.

Nesta noite de festança/ Todos caem na dança/ Alegrando o coração/ Foguetes, cantos e troça/
Na cidade e na roça.

Em louvor a São João

Nesta noite de foguedo/ Todos brincam sem medo/ A soltar seu pistolão/ Morena flor do
sertão/ Quero saber se tu és/ Dona do meu coração.

Capelinha de Melão (João de Barro e Alberto Ribeiro)

Capelinha de melão/ É de São João/ É de cravo, é de rosa/ É de manjericão/ São João
esta dormindo/ Não acorde não/ Acordai, acordai/ Acordai João.

Sonho de papel

(Carlos Braga e Alberto ribeiro)

o Balão vai subindo
Vai caindo a garoa
O céu ta tão lindo
E a noite é tão boa

São João, São João,
Acende a fogueira
No meu coração

Sonho de papel

A girar na escuridão
Soltei em seu louvor
No sonho multicolor

Oh! Meu São João
Meu balão azul
Foi subindo devagar
O Vento que soprou
Meu sonho carregou
Nem vai mais voltar

Pula a fogueira

(João B. Filho)

Pula a fogueira, Iaiá

Pula a fogueira, Ioió

Cuidado para não se queimar

Olha que a fogueira

Já queimou o meu amor

Nesta Noite de festança

Todos caem na dança

Alegrando o coração

Foguetes, cantos e troca

Na cidade e na roça

Em louvor a São João

Nesta noite de folgueto

Todos brincam sem medo

A soltar seu pistolão

Morena flor do sertão

Quero saber se tu és

Dona do meu coração

Cai, Cai, Balão

(João de Barros e Adalberto Ribeiro)

Cai, cai, balão

Cai, cai, balão

Cai na rua de sabão

Não cai não,

Não cai não,

Não cai não,

Cai aqui na minha mão

POEMA

Escrito em 21/06/2007 para comemoração do São João na
E. M.E.F. Maria de Lourdes - Casserengue - PB

Neste lindo mês do ano
Repleto de tradição
Homenageamos três
Santos
Cantando com emoção
Festejando e dando graças
A Santo Antonio, São
Pedro e São João

Já enfeitamos a escola
Para a festa comemorar
Chamamos nossos amigos
Pra quadrilha ensaiar
Agora só falta a sanfona
Que ela comece a tocar

No céu brilha as estrelas
A fogueira clareia o chão
Menino solta bombinha
O velho solta rojão
Mas tome muito cuidado
Para não soltar balão

No dia 13 é a festa
De um Santo milagreiro
Por todos considerado
O santo casamenteiro

Que Santo Antônio
ilumine
Nosso povo brasileiro
Já no dia vinte e quatro
É dia de animação
A noite é celebrada

Com alegria e emoção
Viva quem do nome á
festa
Viva, viva, São João!

Em vinte e nove é São
Pedro
O santo homenageado
Aquele que de Jesus
Andou pregando ao lado
E hoje, com muita festa
Pela gente é celebrado

Na mesa tem a pamonha
Pipoca, doce e alegria
Tem a canjica gostosa
Que a minha mãe fazia
A festa começa a noite
Só pára no outro dia

Quando o sanfoneiro toca
Anima toda a família
Que ligeiro se reúne
Para dançar a quadrilha
Combinando belos passos
Com aquela animada
trilha

O povo também se junta
Para a novena rezar
Vai cantar a ladainha
A todos os santos louvar
Pedindo paz e alegria,
Saúde pra trabalhar
E assim se passa o mês
Na maior animação
A mesa farta de tudo
O amor no coração
Pra gritar com alegria
Viva, viva São João!

Autor:
Josimar Cândido